
O epitáfio poético: modelo literário, reflexo de mentalidades

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO*

R E S U M O

Sintetiza-se o que se escreveu sobre seis epitáfios métricos romanos da Lusitânia Ocidental e alude-se ao hábito, ainda hoje presente nos cemitérios, de se dirigirem palavras em verso ao defunto.

R É S U M É

On jette un coup d'œil sur les épitaphes romaines métriques de la Lusitanie occidentale. Et, à propos, on signale que cette habitude de s'adresser au défunt avec des phrases sous forme de poème existe toujours aux cimetières actuels.

1. Perspectivas metodológicas

No volume de homenagem ao Professor Jaime Siles, linguista e poeta, aludi a quatro dos epitáfios romanos em verso registados na Lusitânia (Encarnação, 2011). Por razões editoriais (“los que quedaron dentro de la nave, por materiales razones de espacio, debieron someterse a las drásticas, severísimas limitaciones sobre la capacidad de carga”, explicaram os editores, no preâmbulo), os textos aí publicados tiveram de obedecer a uma dimensão reduzida e uniformizada em extensão. Permita-se-me, pois, que volte ao tema, apresentando a versão integral prevista, mais extensa, portanto, a que ora se acrescentam dois textos e uma 2.^a parte, na perspectiva de mostrar como esse jeito de em versos se expressar dor, saudade e crença se perpetuou pelos séculos afora, como na actualidade ainda se documenta em cemitérios portugueses.

Serão as palavras, mais ou menos bonitas, mais ou menos cuidadas, reflexo — aqui e além — de tópicos colhidos em consagrados poetas (Cugusi, 1982, 1985); e, nesse caso, o desafio colocado ao epigrafista-historiador consistirá em descobrir essa fonte de inspiração, daí retirando conclusões não apenas sobre a ideologia subjacente às palavras como também acerca da popularidade desta ou daquela passagem de um poeta divulgado. Não se enjeitará, porém, a hipótese de aceitar que nem sempre essa relação é linear, plausível, consistente, sobretudo se pensarmos que por detrás dum epitáfio pode estar o pensamento do próprio defunto, o da sua família ou o da comunidade em que uma e outra se inserem.

Recordo, mais uma vez (já a isso aludi de passagem: 2012, p. 438), a esse propósito, os à primeira vista estranhos dizeres inscritos sobre uma campa no cemitério de Cascais (Fig. 1):

1 Pedro 1 : 3

Atos 24 : 15

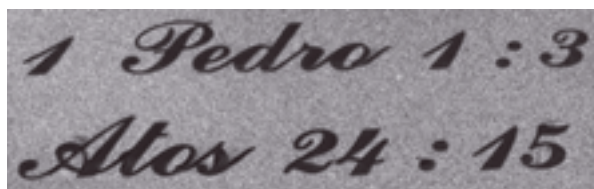


Fig. 1

Trata-se, sem dúvida, de uma linguagem cifrada, passível de entender somente por quem esteja dentro do contexto. Primeiramente, por aqueles que de perto lidaram com o defunto e lhe conheciam hábitos e crenças; depois, por quem saiba ser esse o modo usual de referir uma passagem do Antigo ou do Novo Testamento. Nesse caso, a curiosidade levará a identificar essas passagens e à interrogação sobre o que, na verdade, poderão significar como concepção da vida ou da morte:

“Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na Sua grande misericórdia nos regenerou pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva” (1.^a Carta de São Pedro, 1, 3).

“Tenho esperança em Deus de que há-de haver ressurreição” (Actos, 24, 15).

É no seio das Testemunhas de Jeová que a Bíblia constitui livro de referência quotidiana a tal ponto que o conteúdo das principais passagens se conhece de cor e salteado. Assim estas duas, a proclamar não apenas a existência de uma vida para além da morte, como, sobretudo, a crença viva — que se proclama — na ressurreição dos fiéis. Conclui-se ter sido o defunto um seguidor dessa doutrina e que, inclusive, poderá ter sido por sua expressa vontade ou por sugestão do pastor que essa singela inscrição ali foi duradouramente gravada, como pública profissão de fé.

Este exemplo é, por consequência, paradigmático: para além da mera leitura do que consta nos epitáfios, há uma envolvimento de carácter místico e misterioso, nem sempre facilmente acessível. Podem as palavras adquirir aqui um significado específico, a desvendar. E à inscrição em si acrescerá, no que aos epitáfios em verso diz respeito, a circunstância de a beleza da linguagem poética ser, de per si, rica de conotações significantes.

Exemplifiquemo-lo com seis dos testemunhos reconhecidos até ao momento na Lusitânia romana ocidental, ou seja, *grosso modo*, no conjunto dos monumentos epigráficos identificados no território actualmente português, a sul do rio Douro. Espreitemos depois um cemitério singular na actualidade, repositório de um património imaterial não despreciando.

2. A poesia em tempo de Romanos

Analisemos, pois, a morte como fonte inspiradora por excelência da forma poética. Não significa isso — como várias publicações documentam (Chevallier 1972, Mayer & alii, 1998; Gómez Pallarès, 2002) — que o reflexo da literatura, nas suas formas e até expressões (cf. IRCP, pp. 839–840), se não tenha feito sentir aqui e além, como naquele epitáfio em que *Iulius Marinus* louva a fidelidade

conjugal de sua mulher *Marcella*, porque se contentara com apenas um marido (*uno contenta marito*), ideia e expressão hauridas em Plauto (IRCP 357); ou o de *Maria Euprepia, quae fate concesserunt vivere annis XXXXV* (IRCP 430)...

Aliás, se as epígrafes podem ser reflexo de modelos literários, importa não esquecer que também os escritores se deixaram seduzir pelo eterno encanto que se desprende de um mármore com letras gravadas. Nunca será de mais recordar o momento da ceia de Trimalquião, imaginada por Petrónio no seu *Satyricon*, em que o anfitrião decide solenemente, perante todos os convivas, chamar Habinnas, o seu arquitecto, e lhe dita o que quer ver exarado no epitáfio. É, sem dúvida, um dos momentos altos da opípara recepção, com vista a mostrar a sua magnificente actividade, aquilo que quer ver perpetuado em sua memória.

2.1. O epitáfio de Juvêncio (Fig. 2)

Embora conhecido há já algum tempo, o monumento epigráfico identificado por ocasião de obras na igreja paroquial de Couto de Baixo (concelho de Viseu), só foi estudado, a meu pedido, por Carmen Isabel Leal Soares (1992), no que concerne ao epitáfio métrico que ostenta numa das faces.

Na verdade, estamos diante de um altar que, perpetuando a memória de *Clodia Compse* (AE 1992 942), serviu, depois, para nele ser gravado o seguinte texto:

[D(is) M(anibus)] s(acrum) / Iuventio / ann(or)um XLVIII Clau(dia) Cerontia / et Val(erius) Herenianus FFLL p(ientissimo) / h(unc) t(itulum) f(ecerunt) / vincitur hic fatus / salvum sub Tartara / nomem hic sedis hic terra / hic t[ib]i eter[na do]mus

Consagrado aos deuses Manes. A Juvêncio, de quarenta e oito anos. Cláudia Gerôncia e Valério Hereniano ao filho modelo de piedade fizeram esta inscrição:

Vencido aqui, está, o Fado; salvo, sob o Tártaro, o teu nome. Aqui o túmulo, aqui a terra, aqui tens a tua eterna morada.



Fig. 2

Se, do ponto de vista ortográfico, nos chama a atenção o facto de FLL ser, mui provavelmente, má interpretação, por parte do lapicida, da palavra FILIO que estaria por extenso na minuta em cursivo, assim como o lapso do *m* final (em vez de *n*) em *nomen*, a primeira correlação que me surge é com o bem sugestivo título que Gabriel Sanders deu a um dos seus textos mais significativos, em que explicita ser função do epitáfio gravado numa lápide “sauver le nom de l’oubli” (Sanders, 1989, p. 66).

Depois de sintetizar os dados da polémica que, em tempos, apaixonou os investigadores sobre se os *carmina* eram uma produção individual, original em cada caso, ou se circulariam modelos pelo Império, que seriam pontualmente adoptados, Cármen Soares opina que, no texto em apreço, não lhe “parece ter havido a influência de um poeta latino em especial, que se possa determinar com exactidão”: “Ele reflecte, sim, uma concepção de morte com raízes muito fundas na civilização romana e que alguns autores clássicos também abordaram” (Sanders, 1989, p. 168).

Do ponto de vista da métrica, considera que temos um par formado por dois hexâmetros, sendo o segundo “um hexâmetro constituído por duas tripodias catalécticas”, salientando que aí se verifica “a preponderância de sons fechados, apropriados a um tema triste como o da morte”, “a reflectir a dor dos que ficam e choram o seu morto e a certeza de que este empreendeu uma viagem sem regresso”, pelo que se recorreu, para isso, ao “uso dos espondeus”. Contudo, há como que uma profissão de fé:

“O destino foi vencido porque o teu nome, mesmo nas profundezas do Tártaro, continua a brilhar, imune ao esquecimento da morte” (Sanders, 1989, p. 170).

2.2. O *lowvor a Nice* (Fig. 3)

Numa ara hoje guardada no Museu Regional de Évora e, mui provavelmente, procedente de *Pax Iulia* (IRCP 270) se encontra o poema mais extenso desta área da Lusitânia, datável do século I da nossa era.

O facto de a superfície epigrafada estar já bastante deteriorada tem dificultado a leitura e, conseqüentemente, a interpretação do seu conteúdo, uma dificuldade acrescida pela circunstância de estarmos perante um *carmen* que “no responde a los tópicos que se repiten en este tipo de inscripciones sino que refleja de modo más personal — de ahí la dificultad para llegar a comprenderlo — las creencias y las dudas, seguramente desde una condición servil, sobre la muerte y también sobre la vida”, concluem María José Pena e Joan Carbonell, os investigadores que mais recentemente (2006) procederam a uma reanálise da epígrafe.

Transcrevo, pois, a sua proposta de restituição:



Fig. 3

*Quisq(uis) praet[eris hic]
 sitam viato[r postquam]
 termine legeri[s mori]
 me aetatis vicesim[o]
 dolebis, etsi sensus er[it]
 meae quietisque lasso
 tibi dulcius precabor
 vivas pluribus et diu [se]
 nescas qua m[ibi non
 l]icu[it] fruaré vita...
 [t]e flere iuvat qui+ni+e+
 ++is ann · Inachus han[c] m[e
 ri]to fac(it) i potius propera nam
 [tu l]egis ipse legeris i Nice a(nmos) XX v(ixit)*

Viajero, quienquiera que seas que pasas ante mí, aquí enterrada, cuando hayas leído en esta piedra [de término] que he muerto en el vigésimo [año] de mi vida, me compadecerás, aunque percibirás mi descanso, y dulcemente desearé para ti, que estás cansado, que vivas más [años] y que envejezcas más. Disfruta de la vida que a mi no me ha sido permitido [disfrutar]. (Me) complace que llores tu que... Ínaco hace mercedamente esta [piedra de término]. / Vete; más bien apresúrate, pues tu que (me) lees, tu mismo serás leído; vete / Nice vivió veinte años.

Compreende-se de imediato, pela transcrição e pela tradução, que não se trata de uma epígrafe fácil; contudo, o adjetivo “interesante” que os autores quiseram incluir no título do artigo mostra bem a sua importância dos vários pontos de vista em que pode ser abordado, inclusive do sociológico. Nesse aspecto, escrevem María José Pena e Joan Carbonell que lhes “parece evidente que tanto *Inachus* como *Nice* son esclavos, lo cual también encajaría con las ideas epicúreas, ya que fue en ambientes serviles y militares donde tuvieron mayor aceptación”. Tal circunstancia se lhes afigura que deve, pois, merecer “una cierta atención, puesto que, a pesar de la enorme abundancia de libertos entre los destinatarios de *carmina epigraphica*, no ocurre lo mismo con los esclavos” (p. 268).

2.3. Um itálico em Myrtilis (Fig. 4)

Coube a Josep Corell (1988) o estudo mais recente de um epitáfio com amplas ressonâncias virgilianas (*IRCP* 98 = *AE* 1933, 24 = *AE* 1934, 22 = *HEp* 2, 1990, 756), identificado em Mértola.

Datável, a meu ver, de finais do século II da nossa era, reza assim:

*L(ucio) Iulio Apto
 Gallio patronus
 Itala me genuit tellus Hispania texit
 Lustris quinque fui sexta peremit hiemps
 Ignotus cunctis hospesque hac sede iacebam
 Omnia qui nobis hic dedit et tumulum*

A Lúcio Apto su patrono Galión. Itálica tierra me engendró, Hispania me ha dado sepultura. Viví cinco lustros, el sexto invierno me arrebató. En este sepulcro yacía, oh extranjero, desconocido de todos; mas quien me dio todas las cosas me ha erigido también este monumento (Corell, 1988, p. 151).

Analisa Corell em pormenor cada uma das frases da segunda parte do epitáfio, que “consta de dos dísticos elegíacos prosódica y metricamente correctos”, o que lle permite concluir:

“El análisis, pues, de la composición nos revela a un autor erudito. Conoce a Marcial y, probablemente, a Virgilio. Certos detalles, como la *i* larga en *Itala*, la elisión en el pronombre *qui*, la métrica verbal, la aliteración *Itala... tellus... texit*, y la colocación de las palabras clave al inicio y al final de cada verso, confirman su erudición” (Corell, 1988, p. 151).



Fig. 4

2.4. Um poeta didático e épico? (Fig. 5)

De um poema em hexâmetros dactílicos, temos apenas a sua parte final, exarada na parte inferior de uma ara funerária de mármore cinzento de Trigaches, achada em contexto arqueológico não especificado, nos arredores da cidade de *Pax Iulia* (IRCP 293).

Diz o seguinte:

[...]
 Mo[...]sfacida[...]
 sidera mundivaga e[t quae pro]
 creat omnia tellus indo
 mitasque cantavit in
 oppoda gentes

Segundo Custódio Magueijo, que pormenorizadamente o estudou (1970), este fragmento poderá traduzir-se assim:

“(...) Os astros que vagueiam no Universo e os frutos mil que cria a terra-mãe / e bem assim as gentes aguerridas tudo isso celebrou de terra em terra”.

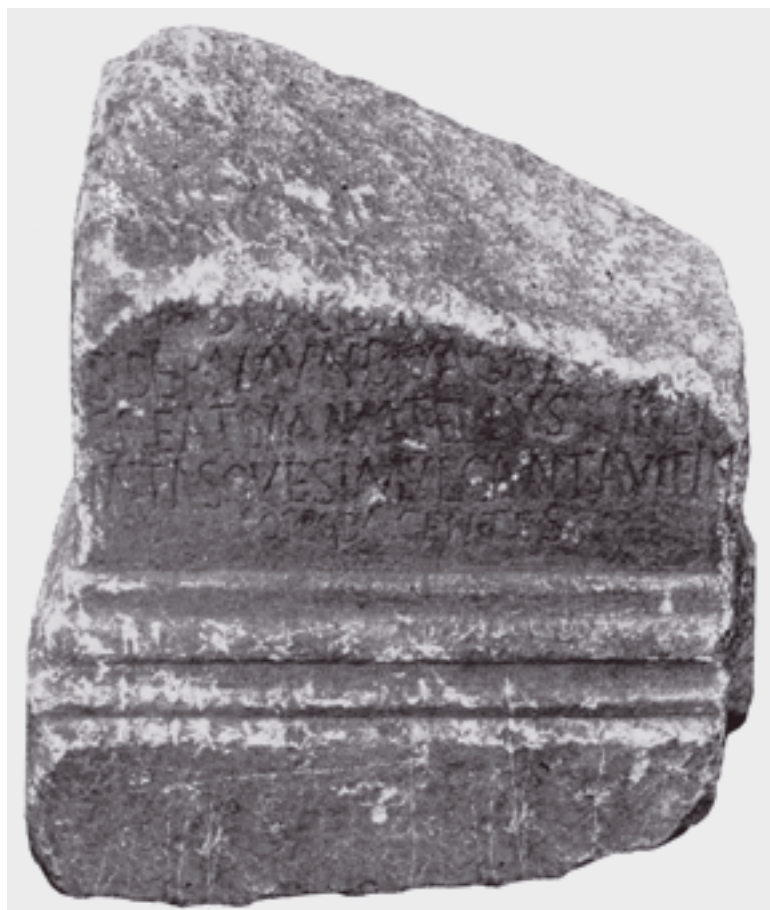


Fig. 5 Foto: Museu Nacional de Arqueologia.

Estaríamos, pois, perante o epitáfio dum poeta que “de cidade em cidade, celebrara os errantes astros, as produções da terra e as virtudes guerreiras, quer dizer, um poeta didático e épico” (Magueijo, 1970, p. 116) ou, ainda, “d’un héros mythologique comme Orphée”, pergunta que o editor de *AE* 1969–1970 229 deixa no ar.

Em todo o caso, como assinala Magueijo, o texto reveste-se de espontaneidade e de uma “notável fluidez rítmica, elegância, pormenores técnicos dignos de nota”, aspectos que bem se enquadram no elevado nível cultural que a epigrafia desta capital de *conventus* sobejamente documenta.

2.5. O epitáfio do jovem Anceito (Fig. 6)



Fig. 6 Foto: Delfim Ferreira

Foi identificada na *civitas Igaeditanorum* uma “estela de granito, de topo arredondado”, “decorada com um crescente por cima da primeira linha” da inscrição que ostenta:

Pubesce/ns ego / nec verit/us misera/bile funus / Anceitus / Celti fata / tulei br/evia heic / situs heic / cineres es/te quietei

Ainda jovem e sem temer a triste morte, eu, Anceito de Célcio, terminei a minha curta vida. Os meus despojos jazem aqui. Vós, minhas cinzas, descansai em paz (Sá, 2007, p. 92, n.º 114).

Ecoa aqui a temática que já se assinalara no texto de Nice: a partida precoce, arrebatada pelos Fados a curta vida. “Afinal”, comenta Ana Paula Ramos Ferreira (2004, p. 36) “também as crenças mais profundas dos Romanos se implantaram nesta zona recôndita da Península. [...] Este poema funerário fornece um testemunho directo das emoções suscitadas pela morte de um ser querido: as palavras são colocadas na boca do próprio defunto a veicular uma filosofia existencial epicurista”...

2.6. O chamado ‘hino a Endovélico’ (Fig. 7)

Pequenos fragmentos identificados no aro do santuário à divindade indígena Endovélico, em S. Miguel da Mota (Terena, Alandroal) sugeriram, por algumas das palavras que neles se liam (*poeta* ou *cantet*, por exemplo), que poderíamos estar em presença de um poema. Seria, nesse caso, um poema em honra da divindade, a glorificar seus atributos e, inclusive, a dar conta de como o seu culto ultrapassara a simples dimensão local, pois que, verosimilmente, num dos fragmentos se poderia reconstituir a expressão *fama per gentes*.

Foi Emílio Hübner que, na sequência da informação que lhe fora fornecida por José Leite de Vasconcelos, procurou ‘colar’ os três fragmentos então disponíveis e daí surgiu essa ideia de se tratar de um *carmen* (Vasconcelos, 1905, p. 135). Tive ensejo de relacionar com esses mais alguns fragmentos que encontrei pelo Museu Nacional de Arqueologia (IRCP 482); e Manuela Alves Dias (2002, pp. 91-92) também teceu considerações acerca do que por ali pôde encontrar, apresentando como provável resultado das junções possíveis, o seguinte:

Ir[o?.....] / [... fa]ma per gentes / [...] mihi roganti a vel m[...] / [.....] cuncta viri [.....] / [.....]r redund[a]ns plena ru[.....]

Não se sugere, como é natural, nenhuma interpretação, dado o carácter tão fragmentário do conjunto, ainda que se não resista a acrescentar que uma das interpretações apresentadas para as letras finais tenha sido *[m]ens plena ru[boris?]*.

As características paleográficas apontam para uma datação do século III, o que ratifica a ideia que já se tinha de que foi duradouro o culto a esta divindade, sobre cujo ambiente sacral inovadores e surpreendentes elementos foram já proporcionados pelo projecto de investigação ali em curso (Guerra, 2008).



Fig. 7

3. Versos em epitáfios portugueses

Continua a não ser invulgar ver nos cemitérios portugueses da actualidade o recurso à poesia popular para expressar sentimento tão forte como o é o da partida de um ente querido, mormente quando esse passamento foi rodeado de circunstâncias imprevistas. Raro será, por conseguinte, o cemitério português que não apresente algum epitáfio em verso — que dessa forma melhor se exprime a dor e a saudade, fugindo aos lugares-comuns, às frases feitas (“eterna saudade” que, amiúde, nem saudade é, quanto mais... eterna!).

Vivem os cemitérios dos hábitos locais: na forma e motivos decorativos dos sepulcros, na fraseologia adoptada, no tipo de pedra mais frequente (cf. Encarnação, 2002). Na forma poética, o mais corrente é, naturalmente, a quadra com versos de sete sílabas (redondilha maior). Há, porém, excepções, algumas de elevado recorte poético, por vezes.

Estudou Micaela Soares (1990–1998) o singular conjunto patente nos cemitérios do concelho de Azambuja, procedendo à “análise semântica da epigrafia”, destacando nos epitáfios os aspectos relacionados com a linguagem, a vida dos defuntos neles retratada (vida activa, vida cognitiva, vida afectiva, vida moral e social), a religião, o tempo. “Em jeito de conclusão” realça “a expressão semântica do conflito Vida-Morte, os dois rostos da realidade” e afirma que, “pelo despojamento e pela simplicidade da linguagem, estas narrativas honoríficas constituem um veemente acto de comunicação”. Situa-as, aliás, no âmbito da Literatura Popular, dada a harmonia neles patente “entre o pensamento e a sensibilidade” (p. 178).

É vasto o apêndice documental apresentado, que inclui quer a transcrição dos epitáfios (mantendo a grafia original, ou seja, com os erros ortográficos quando existentes) quer fotografias esclarecedoras.

Dentre as muitas composições transcritas, algumas delas extensas e verdadeiras narrativas das circunstâncias em que a morte ocorreu, nomeadamente quando se tratou de morte violenta ou inesperada, permita-se-me que selecione apenas três.

*Tu partiste e nós ficamos
neste mundo a chorar
cheios de dor e saudade
por não te poder salvar*

(p. 193, do cemitério da Azambuja)

Ao contrário do que é mais comum entre as epígrafes romanas, em que é o defunto que se dirige aos transeuntes, nos epitáfios portugueses, como neste, as palavras são colocadas de preferência na boca de quem fica, não havendo sequer a identificação de quem escreve, pressupondo-se, naturalmente, que são os familiares, a manifestarem a impossibilidade de, porventura em doença grave, não terem logrado impedir o falecimento. Anote-se a grafia *dór* (por dor); anotem-se os tópicos mais frequentes: a partida, a separação, o choro, a dor, a saudade... Aliás, dá impressão de que o tópico “cheios de dor e saudade”, que ocorre em vários epitáfios deste cemitério, funcione aqui qual lugar-comum.

*Com sua espingarda e vespa
Acompanhado de sua sorte
Encontrou a camioneta
Que foi a sua morte*

(p. 187, cemitério de Aveiras de Cima)

Exemplo que também se assinala entre os epitáfios romanos: a informação sobre as circunstâncias de uma morte violenta, embora, então, as guerras ou os ataques de ladrões sejam as mais citadas (Gallego & *alii*, 1998). Neste caso, foi um acidente de viação, que causou a morte do caçador que se deslocava de motocicleta e que terá chocado com um veículo pesado. Uma descrição, onde a dor subjaz, implícita, ao infortúnio da morte inesperada.

*Aqui se enterrou meu pai e
Minha mãe nesta terra sem fim
Quem te ofereceu esta campa
Foi o teu filho Joaquim*

(p. 188, cemitério de Aveiras de Cima)

A quadra, de rima forçada, visa apenas lembrar o gesto filial, não sem que, subentendido, se imagine um sentimento de pesar. De realçar o tratamento por tu, quando Joaquim se está a dirigir aos pais. Perpassa pela quadra uma ingenuidade bem evidente, sem o mínimo intuito literário nem o pressuposto de ter existido um ilustrado capaz de aconselhar um texto melhor. A alma popular em toda a sua pureza original.

4. Conclusão: a poesia funerária, um tema de sempre!

Não são diversas do que acontece noutras zonas do Império Romano as conclusões a retirar dos textos da Lusitânia ocidental que acabámos de referir:

1.^a) A vontade expressa pelo defunto (amiúde se usa a primeira pessoa e formas verbais no presente) de continuar a ser lembrado como se permanecesse no mundo dos vivos, que não se exime em saudar e aconselhar: “[...] *tibi dulcius precabor vivas pluribus et diu senescas qua mihi non licuit fruire vita* [...]”, “Docemente te desejarei que vivas mais do que eu vivi; longa seja a tua velhice e possas desfrutar da vida que a mim não me foi consentida”...

2.^a) Acentuado epicurismo: é preciso gozar a vida, que a morte espreita, sempre inesperada e sorrateira... De recordar, a este propósito, aquela saborosa frase do epitáfio de Gaio Domício Primo: “Comi ostras, amiúde bebi Falerno; banhos, vinho e amores, ano após ano, foram minha companhia até à velhice” (Encarnação, 1998, p. 132).

Resulta, pois, sintomática a comparação entre os epitáfios métricos da Lusitânia romana e as singelas estrofes de um cemitério actual. No fundo, ressaltando a diversa concepção religiosa que a uns e a outros subjaz assim como o diferente recorte estilístico (muito mais literário entre os Romanos do que na actualidade), gravadas na pedra ou lavradas nas páginas dos livros de papel, as mensagens poéticas reforçam ideias, transmitem beleza, ajudam-nos a ver com outros olhos a realidade circundante — esta, a terrena, e a outra, a da eternidade, independentemente da forma como cada um a quer conceber.

O poema constitui, em todos os tempos, um eco d'alma! Na vida: beleza, amor, complicações... Na morte: o desejo de, em palavras elegantes e frases buriladas, se suavizar a dor de uma saudade sentida...

NOTA

* CPES – Centro de Pesquisa e Estudos Sociais.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- AE = *L'Année Épigraphique*. Paris.
- CHEVALLIER, Raymond (1972) - *Épigraphie et littérature à Rome*. Faenza: Fratelli Lega.
- CORELL VICENT, Josep (1988) - El epitáfio poético de *L. Iulius Aptus* (Mértola, Portugal). *Conimbriga*. Coimbra. 27, pp. 141-151.
- CUGUSI, Paolo (1982) - *Carmina Latina Epigraphica* e tradizione letteraria. *Epigraphica*. Faenza. 45, pp. 65-107.
- CUGUSI, Paolo (1985) - *Aspetti letterari dei Carmina Latina epigraphica*. Bologna: Pàtron.
- DIAS, Maria Manuela Alves (2002) - O chamado 'hino a Endovélico'. In RIBEIRO, José Cardim, ed. - *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 91-92.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1998) - *Estudos sobre Epigrafia*. Coimbra: Livraria Minerva.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2002) - O epitáfio, vitória sobre a morte. In *Honorem Belarmino Afonso*. Bragança: Câmara Municipal, pp. 279-291.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2011) - Os epitáfios como expressão literária. *Liburna*. Valencia. 4 ["Más allá de los signos": Homenaje a Jaime Siles], pp. 145-151. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/18059>.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2012) - A propósito das *cupae* do *conventus Pacensis*. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. - *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*. Tudela: UNED; Los Bañales: Fundación Uncastillo, pp. 435-448. Acessível em <http://hdl.handle.net/10316/18439>.
- FERREIRA, Ana Paula Ramos (2004) - *Epigrafia funerária romana da Beira interior: inovação ou continuidade?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GALLEGO FRANCO, Henar; GARCÍA MARTÍNEZ, María Remedios; GARCÍA DE CASTRO, Francisco Javier (1998) - *Mortes singulares: un estudio social en relación a la evidencia epigráfica en el Occidente romano*. *Hispania Antiqua*. Valladolid. 22, pp. 361-370.
- GÓMEZ PALLARÈS, Joan (2002) - *Poesia epigráfica llatina als Països Catalans: edició i comentari*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans; Universitat Autònoma de Barcelona.
- GUERRA, Amílcar (2008) - La documentation épigraphique sur *Endovellicus* et les nouvelles recherches dans son sanctuaire à S. Miguel da Mota. In HAEUSSLER, Ralph; KING, Anthony C., eds. - *Continuity and innovation in religion in the Roman West*. Portsmouth, RI: Journal of Roman Archaeology, pp. 159-167.
- HEp = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, José d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade.
- MAGUEIJO, Custódio (1970) - Uma inscrição métrica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Inventário E 6354). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª série. 4, pp. 115-123.
- MAYER OLIVÉ, Marc; MIRÓ VINAIXA, Mònica; VELAZA FRÍAS, Javier (1998) - *Litterae in titulis: elements per a l'estudi de la interacció entre epigrafia i literatura en el món romà*. Barcelona: Universitat.
- PENA GIMENO, María José; CARBONELL MANILS, Joan (2006) - Un interesante *carmen epigraphicum* de *Pax Iulia* (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 259-270.
- SÁ, Ana Marques de (2007) - *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.
- SANDERS, Gabriel (1989) - Sauver le nom de l'oubli: le témoignage des CLE d'Afrique et aliunde. In MASTINO, Attilio, ed. - *L'Africa romana: atti del VI Convegno di studio, Sassari, 16-18 dicembre 1988*. Sassari: Gallizzi, pp. 43-79.
- SOARES, Carmen Isabel Leal (1992) - *VINCITVR HIC FATVS* – O epitáfio métrico de Couto de Baixo. *Conimbriga*. Coimbra. 31, pp. 155-172.
- SOARES, Maria Micaela (1990-1998) - Epigrafia tumular moderna no concelho de Azambuja. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 4.ª série. 92, pp. 155-200.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1905) - *Religiões da Lusitânia*, II. Lisboa: Imprensa Nacional.